

Broadcast – 13 de dezembro de 2017

13/12/2017 09:48:49 - EMPRESAS E SETORES

FÓRUM ESTADÃO/SINICON: INFRAESTRUTURA É UM DOS POUCOS SETORES QUE CONTINUAM DEMITINDO

São Paulo, 13/12/2017 - Em participação no Fórum do Estadão sobre infraestrutura, o presidente do Sindicato Nacional da Indústria da Construção Pesada (Sinicon), Evaristo Pinheiro, destacou que o setor é um dos poucos que continuam demitindo, enquanto outros segmentos de atividade da economia já vêm mostrando melhora do mercado de trabalho há alguns meses. De acordo com Pinheiro, o fechamento das vagas em construção pesada e leve reflete a queda do nível de investimento tanto público quanto privado, além do consumo do backlog de obras contratadas.

“Se o setor de infraestrutura não voltar, não sair do fundo do poço, não haverá sustentabilidade do crescimento do PIB”, alertou o presidente do Sinicon, salientando a alta relevância do setor para a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) brasileira. (Letícia Fucuchima - leticia.fucuchima@estadao.com)

13/12/2017 10:13:57 - EMPRESAS E SETORES

FÓRUM ESTADÃO/FGV: INVESTIMOS POUCO E MAL EM INFRA, MUITO DINHEIRO ESTÁ PARADO, GERANDO NADA

São Paulo, 13/12/2017 - O coordenador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV), Armando Castelar, avaliou que este é o momento certo para se fazer uma revisão das ações do País relacionadas à infraestrutura. "Mais do que investir pouco, investimos mal, muito do dinheiro está parado gerando nada", disse, em debate no Fórum Estadão Infraestrutura: Investimentos e Geração de Emprego, nesta quarta-feira.

Na visão do especialista, o problema está na falta de um plano de investimentos, com estudos de sinergias e articulações, além da má escolha dos projetos. "Escolher projeto para gerar emprego é um desastre", afirma. Entre empreitadas problemáticas, Castelar cita as ferrovias Transnordestina e Fiol.

O coordenador do Ibre-FGV destacou ainda que o investimento no Brasil não vai mostrar uma retomada similar à observada em outros períodos de pós-crise do País, uma vez que, agora, há muitos riscos atrelados ao momento econômico, como a questão fiscal. Ele destaca também que o setor de infraestrutura vai sentir ainda mais essa demora na retomada, uma vez que esses investimentos têm prazo mais longo e são mais intensivos em capital, sofrendo ainda com riscos próprios ao setor, como regulatórios e jurídicos. (Letícia Fucuchima, Caio Rinaldi e Thaís Barcellos)

13/12/2017 10:32:30 - EMPRESAS E SETORES

FÓRUMS ESTADÃO/INTER.B/FRISCHTAK: FALTA INTERAÇÃO E CONVERSA ENTRE SETOR PÚBLICO E PRIVADO

São Paulo, 13/12/2017 - O presidente da Inter.B Consultoria, Cláudio Frischtak, criticou há pouco a falta de interação e conversa entre o setor público e privado no planejamento dos investimentos. "Não temos a prática no País de chamar o setor privado para conversar de forma estruturada, sistemática", afirmou em debate no Fórum Estadão Infraestrutura: Investimentos e Geração de Emprego, nesta quarta-feira.

Embora acredite que alguns investimentos em infraestrutura devam ser liderados pelo Estado, Frischtak reforçou que não há como evitar a participação de recursos privados no setor. "Vamos ter que nos adaptar, nos reinventar enquanto País, nação, em tempos de vacas magérrimas do investimento estatal", observa. Ele lembra que a taxa de poupança brasileira, em torno de 15%, não se mostra suficiente para fazer frente à necessidade de investimentos em infraestrutura no País.

Durante o debate, os especialistas reafirmaram a importância de se pensar na execução dos investimentos. Para Armando Castelar, coordenador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV), criar planos "megalomaniacos e irrealistas" não levarão ao avanço do setor. Venilton Tadini, presidente da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib), complementa: "Não basta ter planejamento, estamos falhando na execução". (Leticia Fucuchima, Caio Rinaldi e Thaís Barcellos)

13/12/2017 10:41:51 - EMPRESAS E SETORES

FÓRUMS ESTADÃO/DYOGO: PROCESSO DE RECUPERAÇÃO GEROU AO PAÍS UM 'PRÊMIO REFORMAS'

São Paulo, 13/12/2017 - O ministro do Planejamento, Dyogo Oliveira, afirmou que a recuperação da economia brasileira, como tem sido vista nos últimos dados, tem possibilitado um ambiente de maior otimismo e gerado um "prêmio de reformas".

Segundo ele, baseado na situação econômica atual, os indicadores, como o risco País, deveriam estar piores, mas há percepção de investidores e agentes de que as reformas serão aprovadas, principalmente a Previdência, a qual, segundo ele, o governo segue empenhado.

Ele citou os bons resultados econômicos, como a geração de empregos, a saída da recessão, a inflação em níveis baixos, o menor juro básico da economia desde o início de metas e a retomada do crédito. Para a continuidade desse processo, Dyogo reforçou que é necessário avanço na agenda de reformas.

Sobre a infraestrutura, Dyogo afirmou que o País tem gargalos e excesso de demanda nas mais diversas áreas. "Um país que tem pretensões, como o Brasil, de ser competitivo e relevante no cenário mundial, depende de uma boa infraestrutura", completou, durante participação no

Fórum Estadão Infraestrutura: Investimentos e Geração de Emprego, nesta quarta-feira. (Thaís Barcellos, Caio Rinaldi e Letícia Fucuchima - thais.barcellos@estadao.com; caio.rinaldi@estadao.com; e leticia.fucuchima@estadao.com)

13/12/2017 11:35:06 - EMPRESAS E SETORES

FÓRUMS ESTADÃO/SUNDFELD: CONTRATO TEM QUE EXISTIR DENTRO DE UM SETOR ORGANIZADO COM CLAREZA

São Paulo, 13/12/2017 - O advogado Carlos Sundfeld, professor da FGV Direito de São Paulo, avalia que, embora o País tenha avançado em modelos contratuais para o setor de infraestrutura, há um problema latente de desarranjo institucional, que acaba prejudicando o funcionamento dos contratos.

“O contrato tem que existir dentro de um setor organizado com clareza, em que se tenha previsibilidade sobre o futuro”, defendeu Sundfeld em debate do Fórum Estadão sobre infraestrutura. De acordo com o especialista, o desarranjo institucional brasileiro é “brutal”, demandando uma reforma que vai além meramente do setor de infraestrutura - envolvendo, por exemplo, o Tribunal de Contas da União (TCU).

Essa também é a avaliação de Mauricio Portugal, sócio da Portugal Ribeiro Advogados. “O TCU está tomando decisões regulatórias no lugar das agências reguladoras”, critica Portugal, salientando ainda que as agências tiveram sua independência tolhida durante o governo Dilma, algo que vem sendo consertado no governo atual. “O TCU deve fazer controle procedimental das agências, não controle de mérito”, emenda o advogado.

Na visão de Floriano Azevedo Marques Neto, da FGV Direito Rio, houve um retrocesso no ambiente regulatório para infraestrutura nos últimos anos. “Marco regulatório não admite cavalo de pau”, opina. Isso é problemático ao dificultar a tomada de decisão do investidor, que não consegue ter previsibilidade sobre as regras. “Temos um déficit de segurança jurídica, que é um valor que deveria ser perseguido”, avalia Neto. Ele cita o caso do setor de saneamento, no qual ainda persiste uma acalorada discussão sobre a quem pertence o poder concedente, mesmo após diversas decisões nos tribunais de Justiça.

Já César Mattos, consultor na Câmara dos Deputados, enxerga melhoras relacionadas a tecnologias contratuais, como as que estão sendo estudadas pelo governo para os editais das próximas concessões de rodovias. Um dos principais avanços é a melhor distribuição dos riscos dos projetos, diz Mattos. Ele lembra que, nas etapas de concessões rodoviárias passadas, todo o risco de demanda era atribuído ao concessionário, o que levou à inviabilidade das concessões com a queda abrupta do tráfego nas rodovias durante a crise. (Letícia Fucuchima, Thaís Barcellos e Caio Rinaldi)S

13/12/2017 13:07:42 - EMPRESAS E SETORES

ATT: FÓRUMS ESTADÃO/FATOR/GALIPOLO:INVESTIDORES INSTITUCIONAIS QUEREM ELEVAR EXPOSIÇÃO EM INFRA

Att. Srs. Assinantes,

Na nota publicada às 12h42 , havia um erro no nome de quem estava falando. As declarações foram dadas pelo CEO do Banco Fator, Gabriel Galipolo, e não pelo head de infraestrutura da Vinci Partners, José Guilherme Souza. Abaixo, a nota corrigida.

São Paulo, 13/12/2017 - O CEO do Banco Fator, Gabriel Galipolo, afirmou que a indústria de fundos institucionais deseja aumentar a exposição em investidores em infraestrutura, especialmente em países em desenvolvimento. Em debate no Fórum Estadão Infraestrutura: Investimentos e Geração de Emprego, Galipolo reforçou que a liquidez internacional é abundante e lembrou que há, no Brasil, o gap deixado pelo BNDES. Mas, para que isso aconteça, é necessário que haja bons projetos à mesa, que equilibrem retorno e investimento, avalia.

Durante o debate, Galipolo ressaltou ainda a importância de se endereçar a questão do risco cambial nos investimentos em infraestrutura, necessária para viabilizar o financiamento externo. Ele citou o problema da alocação do risco cambial, que fica com o poder concedente, ou com o usuário, gerando efeitos políticos “sensíveis”. (Leticia Fucuchima e Fernanda Guimarães)

13/12/2017 13:03:19 - EMPRESAS E SETORES

ATT: FÓRUMS ESTADÃO/VINCI/SOUZA: COMPETIÇÃO É MUITO GRANDE ENTRE PAÍSES PARA ATRAIR CAPITAL

Na nota publicada às 12h17 e às 12h49, havia um erro no nome de quem estava falando. As declarações foram dadas pelo head de infraestrutura da Vinci Partners, José Guilherme Souza, e não pelo CEO do Banco Fator, Gabriel Galipolo. Abaixo, a nota corrigida.

São Paulo, 13/12/2017 - O head de infraestrutura da Vinci Partners, José Guilherme Souza, afirmou que o governo terá um trabalho duro para atrair o capital privado e externo para investimentos em infraestrutura nova no Brasil. Em debate do Fórum Estadão sobre infraestrutura, Souza disse enxergar dois desafios competitivos - o primeiro, no mercado internacional, com o País concorrendo com países como Colômbia, Peru e México pela atração de capital externo. O segundo desafio está associado à própria alocação interna do capital, uma vez que há vários projetos brownfields atrativos com um perfil de risco bem menor.

“Mas há boas iniciativas já em curso”, destaca o head de infraestrutura da Vinci Partners. Ele menciona as últimas experiências no setor elétrico, que conta com uma equipe técnica “conhecedora dos problemas” e decidida a fomentar o investimento no setor. “Mudamos da água para o vinho quando comparamos com o setor de transporte, que tem muito para caminhar”, avalia. (Fernanda Guimarães e Leticia Fucuchima)

Estadão - 12 de dezembro 2017

<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,infraestrutura-foi-atingida-por-um-tsunami-com-a-cri-se-economica,70002118447>

'Infraestrutura foi atingida por um tsunami com a crise econômica'

O presidente do Instituto Ethos, Caio Magri, afirmou, durante o 'Fórum Estadão - Infraestrutura: Investimentos e geração de empregos' que a repercussão gerada pelas investigações anticorrupção impôs melhorias ao setor

Caio Rinaldi, Thaís Barcellos e Letícia Fucuchima, O Estado de S.Paulo
13 Dezembro 2017 | 10h00

O **setor de Infraestrutura no Brasil foi atingido por um "tsunami"** com a crise econômica que atingiu o País nos últimos anos e com os esquemas descobertos pela Operação Lava Jato, mas os eventos não são necessariamente negativos. A afirmação foi feita pelo diretor presidente do Instituto Ethos, Caio Magri, na abertura do "Fórum Estadão - Infraestrutura: Investimentos e geração de empregos", que ocorre nesta quarta-feira, 13, em São Paulo.

Na sua avaliação, o ajuste pode se provar "positivo do ponto de vista de gerar oportunidades e construir novos processos", além de promover maior transparência entre as relações público-privadas. "Neste momento, temos grandes desafios. É necessário rever, visitar, proporcionar uma profunda autocrítica de como podemos criar uma nova relação público-privada, baseada na integridade e transparência", declarou Magri.

A repercussão gerada pela crise econômica e investigações anticorrupção, como a Operação Lava Jato, impôs melhorias ao setor. "Só é possível transformarmos as antigas práticas, antigos modelos de negócios, se houver um avanço setorial. A boa notícia, que precisa ser comemorada, é de que as principais empresas do setor estão se transformando", apontou.

Segundo ele, os mecanismos internos de integridade das empresas evoluíram e adquiriram independência nas companhias. "As mudanças nas empresas são importantes, mas o mercado precisa mudar", reforçou.

O presidente do Ethos ainda completou que é preciso modificar também a integridade que rege as instituições brasileiras. De acordo com Magri, a criação de um novo modelo de relação público-privada baseada na integridade e transparência é um desafio para 2018 e fundamental nesse momento de retomada econômica. Magri também citou a questão política e eleitoral. "É preciso pensar em melhor escolha dos eleitos. Uma reforma política profunda ajudaria."

Além disso, Magri afirmou que o Ethos propõe a criação de um Plano Nacional de Integridade com três tipos de medidas: reformas institucionais, ações para agravar o custo da corrupção e de prevenção.

Ele citou, por exemplo, que são necessárias medidas para que o Estado responda por suas responsabilidades, de alteração do processo penal e revisão das normas de licitação e contas públicas, de regulamentação do lobby e de ampliação de estímulos à atividade empresarial.

Demissões. Em participação no Fórum do Estadão sobre infraestrutura, o presidente do Sindicato Nacional da Indústria da Construção Pesada (Sinicon), Evaristo Pinheiro, destacou que o setor é um dos poucos que continuam demitindo, enquanto outros segmentos de atividade da economia já vêm mostrando melhora do mercado de trabalho há alguns meses.

De acordo com Pinheiro, o fechamento das vagas em construção pesada e leve reflete a queda do nível de investimento tanto público quanto privado, além do consumo do backlog de obras contratadas.

"Se o setor de infraestrutura não voltar, não sair do fundo do poço, não haverá sustentabilidade do crescimento do PIB", alertou o presidente do Sinicon, salientando a alta relevância do setor para a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) brasileira.

Broadcast – 13 de dezembro de 2017

<http://www.broadcast.com.br/cadernos/financeiro/?id=RWIZTHYrWDIISXd4MG9JNC8yUHI4dz09>

ECONOMIA & MERCADOS 13/12/2017 12:04

FÓRUNS ESTADÃO/DYOGO: ESTRATÉGIA DO 'TUDO OU NADA' PARA QUALQUER VOTAÇÃO NÃO É BOA

São Paulo, 13/12/2017 - O governo federal não deve colocar a reforma da Previdência para votação se não tiver os votos necessários para aprovação da pauta, avalia o ministro do Planejamento, Dyogo Oliveira. "A estratégia de 'tudo ou nada' não é boa em qualquer situação", declarou Dyogo a jornalistas, após participar do "Fórum Estadão - Infraestrutura: Investimentos e Geração de Empregos", realizado nesta quarta-feira na capital paulista.

O governo, explicou o ministro, está fazendo esforços para votar a proposta "o quanto antes". A base governista tem buscado levantar os 308 votos necessários, mas Dyogo reconhece que a pauta só deve ir ao Plenário da Câmara quando o número estiver garantido. "Temos de por a Previdência em votação no momento em que avaliarmos viável a aprovação."

Crescimento econômico

A sustentabilidade do ritmo de crescimento do PIB do Brasil em 2017, assim como a perspectiva de aceleração da atividade econômica nos próximos anos, está diretamente condicionada à aprovação da reforma da Previdência, declarou Dyogo Oliveira.

"O cenário econômico de crescimento que temos projetado para o País hoje está baseado na realização de reformas que o governo tem defendido. À medida que não avance, é evidente que haverá uma correção destas expectativas", afirmou Dyogo. "A reforma da Previdência é o principal divisor de águas entre crescimento alto ou baixo do PIB nos próximos anos."

A Previdência Social, ressaltou o ministro, ocupa atualmente 57% das despesas do orçamento federal. "Hoje, a principal despesa do governo é a Previdência e também é a despesa que mais cresce", disse. Sem a implementação da reforma, o horizonte da trajetória dos gastos previdenciários é de crescimento para além da capacidade de pagamento do governo.

"No limite - evidentemente não queremos que chegue a este ponto -, a Previdência pode ocupar de 80% a 85% do orçamento num horizonte de 20 a 25 anos", explicou o ministro do Planejamento. Questionado sobre a pressão que a folha de pagamentos dos servidores públicos exerce sobre o orçamento, Dyogo explicou que a despesa está na casa dos 10% e que este nível "não é tão elevado". (Caio Rinaldi, Thaís Barcellos, Letícia Fucuchima)

JORNAL DO BRASIL

Quarta-feira, 13 de dezembro de 2017

13/12 às 12h08 - Atualizada em 13/12 às 12h10

Melhora dos indicadores se baseia no avanço das reformas, diz ministro

Agência Brasil

O ministro do Planejamento, Dyogo Oliveira, disse que a melhora dos indicadores econômicos do país está baseada na credibilidade adquirida com o avanço das reformas e, sobretudo, a expectativa de aprovação da reforma da Previdência. Ele participou hoje (13) do Fórum Estadão, na capital paulista, sobre infraestrutura, investimentos e geração de emprego.

“O cenário econômico está baseado na realização de um conjunto de ações que temos defendido. Como a nossa agenda tem avançado, aprovamos várias reformas ao longo de 18 meses, hoje, a economia está em recuperação”, afirmou.

Para o ministro, o Produto Interno Bruto (PIB) potencial do Brasil é de 3,5% nos próximos anos num cenário de reforma da Previdência aprovada. Segundo Oliveira, caso o projeto não passe pelo Congresso, o PIB se manterá em torno de 1%. “Na medida em que não avance, é evidente que haverá uma correção das expectativas e isso significará menos crescimento, menos emprego e menos renda”, disse.

O governo tem trabalhado com mobilizações, convencimento e articulações dos deputados. “Penso que temos que ir avaliando o cenário, passo a passo, e naquele momento em que a gente considerar que é viável, colocar em votação. Mas essa avaliação não é da equipe econômica, é da articulação política do governo”, disse o ministro.

Infraestrutura

Sobre a estratégia do governo para alavancar a infraestrutura, tema discutido durante o evento, Dyogo Oliveira afirmou que o objetivo é aumentar ao máximo a participação privada, tanto na estruturação quanto no financiamento dos projetos.

“Focamos no PPI [Programa de Parcerias por Investimentos]. O governo recebeu R\$ 30 bilhões em outorgas este ano e foram R\$ 69 bilhões em investimentos de infraestrutura. Temos uma carteira com 89 projetos, que representam R\$ 103 bilhões em investimentos”, disse. Oliveira acrescentou a importância do fluxo de capital externo, que somou R\$ 82 bilhões de dólares nos últimos 12 meses.

Estadão - 08 de dezembro de 2017

<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,investimento-e-criacao-de-emprego-sao-temas-de-forum-do-estado,70002112422>

Investimento e criação de emprego são temas de fórum do ‘Estado’

Na quarta-feira, evento reunirá especialistas em São Paulo que discutirão o assunto, vital para a retomada da economia

No início do mês, o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE) divulgou o **Produto Interno Bruto (PIB)** do terceiro trimestre mostrando um avanço de 0,1% da economia brasileira no período. O destaque foi o avanço de 1,6% dos investimentos após 15 trimestres seguidos de queda.

Importante indicador econômico, porque projeta a intenção futura dos empresários na economia, os investimentos dos empresários precisam ser acompanhados de uma contrapartida na infraestrutura, para que a economia tenha um ganho de produtividade e competitividade.

É recorrente as queixas com relação à situação das estradas do País, à falta de ferrovias, ao pouco ou quase nenhum uso do transporte fluvial, usinas que não conseguem distribuir energia, porque não foram feitos os investimentos necessários em linhas de transmissão. Sem falar na situação de portos e aeroportos e nas questões referentes aos marcos regulatórios.

Diante desse cenário, o Estado promove na quarta-feira, dia 13, o Fórum Estadão com o tema “Infraestrutura: investimentos e geração de empregos”. O evento vai reunir autoridades, especialistas e executivos para debater como incrementar os investimentos nesse setor vital para a retomada da economia, incluindo a criação de empregos. Grandes obras abrem importantes frentes de trabalho e o segmento da construção, nos últimos anos, foi duramente prejudicado pela recessão econômica associada aos desdobramentos da Operação Lava Jato que afetou grandes empreiteiras do País, responsáveis por empregar um contingente significativo de mão de obra.

Não por acaso, o governo anunciou no início de novembro uma nova versão do Projeto Avançar, que reúne investimentos da União, estatais e financiamentos de bancos públicos. O pacote tem previsão de investimentos de R\$ 130,97 bilhões entre 2017 e 2018, mas não foi detalhado quanto já foi aplicado neste ano e o que será injetado até dezembro do ano que vem.